

A RESILIÊNCIA DAS MULHERES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO

Patricia Andrea Sulsbach¹

Resumo:

Na produção científica sobre violência contra a mulher inclui-se estudos sobre como mulheres vítimas da violência doméstica enfrentam essa situação. Desta forma, pretendeu-se conhecer o que está sendo propagado em revistas nacionais e internacionais sobre o processo de resiliência no cotidiano dessas mulheres. Definiram-se como critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos cinco anos, disponíveis *online* integralmente e de abordagem qualitativa. Foram encontrados oito artigos pelo portal de serviços PubMed e bases de dados e portais da Biblioteca Virtual em Saúde entre janeiro a novembro de 2016. Constatou-se que algumas mulheres sofrem caladas pelos abusos cometidos dentro de casa, enquanto outras enfrentam a violência sozinhas ou com ajuda de amigos, familiares ou grupos de apoio social. Mesmo assim, há descrédito nestes serviços por parte das mulheres. Existe necessidade de incremento de estudos em parceria com serviços de apoio às mulheres que sofreram violência doméstica e ampliação das discussões que envolvem a responsabilidade de cada um por seu território.

Palavras-chave: Resiliência Psicológica. Violência Doméstica. Adaptação Psicológica. Acontecimentos que Mudam a Vida. Violência contra a Mulher.

1 INTRODUÇÃO

O uso do termo gênero visa sublinhar o caráter social das distinções fundadas sobre o sexo embora, etimologicamente, se refira à condição orgânica que distingue o macho da fêmea. Do ponto de vista sociológico, gênero se refere a um dos códigos de conduta que regem a organização social das relações humanas. Ou seja, o gênero é o modo como as culturas interpretam e organizam a diferença sexual entre homens e mulheres. A sua estrutura é muito mais complexa do que as divulgadas dicotomias homem-mulher (RABELO, 2010).

Ser objeto de violência pelo fato de ser mulher, marcada socialmente pelo signo da subalternidade, é um processo social que deve ser reconhecido como uma violação de direitos e transformado. Uma mulher violentada aponta para um problema social

¹ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Enfermeira. E-mail: patricia.sulsbach@hotmail.com

que afeta homens e mulheres, pois afirma o não reconhecimento da alteridade, pressuposto da condição humana. Tratar a mulher com indiferença e insensibilidade é ser conivente e participar deste processo. (VILLELA et al., 2011)

No ambiente doméstico, a violência contra a mulher é qualquer atitude ou omissão que pode causar morte, lesão, sofrimento sexual ou psicológico e pode ser praticada por pessoas com ou sem vínculo familiar. É um fenômeno multifacetado e afeta a sociedade como um todo. Essa experiência traumática provoca transformações no modo desta mulher ser e estar do mundo. Este tipo de violência assume certas características particulares. Por proceder de questões que envolvem as relações de gênero, na grande maioria dos casos, o agressor é alguém do sexo masculino, com quem a mulher, contraditoriamente, compartilha sentimentos, ideias e tem vínculo familiar. Pode ser seu companheiro ou cônjuge atual ou anterior (GUEDES E FONSECA, 2011; LABRONICI, 2012).

No ambiente familiar deveriam prevalecer a segurança, o equilíbrio, a afetividade, a empatia, a cumplicidade. Porém, quando há violência, há uma relação de sujeição, de dominação que possibilita manipular ou anular a outra pessoa do convívio. A manipulação pode se manifestar com o objetivo de instalar o poder, com o manipulador impondo sua vontade e comprometendo a qualidade da relação (LABRONICI, 2012).

As consequências para as mulheres em relacionamentos violentos são distúrbios do sono e repouso, desgaste físico, fadiga, constipação, ora emagrecimento ora obesidade, dores pelo corpo, síndrome do pânico, consumo de medicamentos em excesso, principalmente antibióticos e antiinflamatórios. Também são consequências para essas mulheres a tristeza, o desânimo, a solidão, o estresse, o ódio, o sentimento de inutilidade, a irritabilidade, a dificuldade de relacionamento (NETTO et al., 2014). Um estudo feito na África do Sul mostrou que entre as fatalidades ocorridas com mulheres vítimas de seus parceiros são o femicídio, suicídio, mortalidade maternal e fetal, aborto, AIDS. Consequências físicas incluem queimaduras, doenças crônicas, problemas com audição, visão e convulsões. Consequências mentais são depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, uso de substâncias psicoativas (JOYNER e MASH, 2014).

A violência doméstica enfraquece o poder em si mesma e isso significa que quando uma mulher vivencia esta situação, suas crenças em normas internalizadas

sobre como comportar-se como uma boa esposa, boa mãe e manter o casamento intacto vêm à tona e ela perde sua autoridade (HAYATI et al., 2013) A dificuldade de confiar nas pessoas é um legado duradouro na vida das mulheres que sofreram violência doméstica (MCDONALD e DICKERSON, 2013).

Os estudos mostram termos que estão ligados às qualidades de enfrentar adversidades como resiliência, adaptação, resistência, *Coping* e, cuidado de si. Todos se referem ao conceito de bem-estar e qualidade de vida e abrangem elementos como percepção do bem-estar físico, mental e social, sentimentos de gratificação vinculados com a saúde, família, trabalho, situação financeira, oportunidades educacionais, autoestima, criatividade e confiança nos outros. A tendência de alguns sujeitos de acentuar aspectos positivos sobre os negativos é identificada como otimismo e leva o sujeito a ter maior quantidade de pensamentos gratificantes. O termo resiliência não significa invulnerabilidade nem impermeabilidade ao estresse. Ele se refere à capacidade de enfrentar as dificuldades e sair mais forte delas (OMAR et al., 2011).

Nas ciências humanas e na saúde, tem sido utilizado o termo *resiliência* para descrever a capacidade do ser humano em responder às adversidades da vida da maneira positiva. Nas ciências humanas, esta capacidade é construída durante o processo de desenvolvimento humano, razão pela qual deve ser compreendida como algo dinâmico. Desta forma, a resiliência, no sentido psicológico é a capacidade de ir adiante. A resiliência provoca uma abertura existencial em direção ao outro com intuito de ser ajudado. Por isso, a colaboração de todos os profissionais é fundamental na rede de apoio à mulher vítima de violência. Eles devem ser capazes de perceber e captar a totalidade das mulheres e compreendê-las na sua individualidade como alguém que com um corpo sofrido e machucado que clama por ajuda (LABRONICI, 2012).

Geralmente, pessoas resilientes são mais flexíveis do que as pessoas mais vulneráveis e lidam com as situações usando recursos dentro de si mesmas e do ambiente externo (BYRSKOG et al, 2014). Resiliência é a capacidade de recuperar-se de um estresse e pode ser particularmente importante para lidar com tensões relacionadas à saúde. Há outros significados associados com a capacidade de resistência ao estresse. *Prosperar* significa mover-se para um nível superior após o evento estressante. *Adaptação* significa as mudanças para ajustar-se a uma nova

situação. *Resistência* refere-se a não ficar doente ou a uma diminuição das capacidades durante o momento estressor (DIVIN, VOLKER e HARRISON, 2013).

Coping é um termo relacionado à resiliência e significa uma resposta frente ao estresse, mediante a qual se preparam as percepções, emoções e comportamentos de um sujeito para adaptação. As estratégias enfocadas na solução ativa do problema são consideradas estratégias positivas para reduzir o estresse. Entretanto, as estratégias focadas na negação da fonte geradora de estresse são consideradas negativas ou ineficazes para enfrentar o problema (OMAR et al., 2011).

O *cuidado de si* é um termo trazido por Foucault (2006) em *A Hermenêutica do Sujeito* que descreve os vários exercícios que deveriam ser praticados para atingir uma certa satisfação. O enfrentamento dos momentos difíceis da vida é bastante discutido neste texto e é chamado de provação cujo objetivo é transformar as pessoas, torná-las mais fortes e mais íntegras. Assim, no hábito, as pessoas desenvolviam uma arte de viver, uma estética de existência, um movimento de autotransformação. Aristóteles mesmo afirma com clareza que a prática repetida de ações virtuosas leva à constituição de uma determinada disposição de caráter, ou seja, o hábito acaba por constituir uma pessoa virtuosa (HOBBUS, 2011).

O enfrentamento da violência está relacionado com a resiliência da mulher que sofreu a violência, sua capacidade de responder às adversidades da vida da maneira positiva. A compreensão da importância sobre o modo de enfrentamento das mulheres vítimas da violência doméstica pode ser também uma ferramenta norteadora aos centros de apoio às mulheres agredidas com intuito de facilitar a construção da autonomia dessas mulheres em relação à violência de gênero. Importante ressaltar que o enfrentamento da violência não é somente individual, mas também coletivo, tendo em vista a complexidade do fenômeno e a relevância das redes sociais de apoio e das políticas públicas para as mulheres. Neste estudo, pretendeu-se conhecer o que está sendo produzido e veiculado sobre o enfrentamento da violência doméstica pela mulher. A finalidade foi conhecer lacunas deste tipo de conhecimento e indicar desafios e potencialidades para investigações nesta área.

2 METODOLOGIA

Estudo de revisão sistemática crítica tendo por base a seguinte questão norteadora: *O que tem sido veiculado em bases de dados e portais de periódicos*

nacionais e internacionais sobre o enfrentamento das mulheres que sofreram violência doméstica?

A revisão de literatura ocorreu entre janeiro e novembro de 2016. Definiram-se como critérios de inclusão que os artigos tivessem sido publicados nos últimos cinco anos, que estivessem disponíveis *online* integralmente e fossem de abordagem qualitativa.

Para realizar a busca a respeito do enfrentamento da violência doméstica pela mulher, foram utilizados os seguintes descritores do *Medical Subject Headings* (MeSH) no portal de serviços PubMed: *“resilience psychological” and “violence against women”, “resilience psychological” and “domestic violence”, “coping” and “violence against women”, “coping” and “domestic violence”, “empowerment women” and “domestic violence”, “empowerment women” and “violence against women”, “self care” and “violence against women”, “self care” and “domestic violence”, “violence” and “gender identity” and “coping”, “violence and “women” and “coping”, “violence” and “women” and “response”, “domestic partner” and “violence” and “resilience psychological”, “selfcare” and “domestic violence”, “stressful event” and “resilience psychological”*.

Nas bases de dados e portais da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizamos os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): *“resilience psychological” and “violence against women”, “resilience psychological” and “domestic violence”, “coping” and “violence against women”, “coping” and “domestic violence”, “empowerment women” and “domestic violence”, “empowerment women” and “violence against women”, “self care” and “violence against women”, “self care” and “domestic violence”, “violence” and “gender identity” and “coping”, “violence” and “women” and “coping”, “violence” and “women” and “response” “domestic partner” and “violence” and “resilience psychological”, “selfcare” and “domestic violence”, “stressful event” and “resilience psychological”, “resiliência psicológica” and “violência doméstica”, autocuidado and “violência doméstica”, “adaptação psicológica” and “acontecimentos que mudam a vida”, “autoestima” and “violência contra a mulher”, “autocuidado” and “violência contra a mulher”, “violência” and “identidade de gênero”*.

3 RESULTADOS

Oito artigos foram encontrados a partir dos critérios definidos para busca e foram reunidos em três categorias: Recursos internos das mulheres para enfrentar a violência; Recursos externos para lidar com a violência doméstica; Dificuldades para o enfrentamento da violência doméstica.

Apresenta-se um resumo dos artigos selecionados conforme título, periódico e ano de publicação, autoria, delineamento do estudo (método, objetivos e número de participantes), recursos internos e externos das mulheres para lidar com violência doméstica:

Título, periódico, ano de publicação e autoria	Método de estudo, objetivos e número de participantes	Recursos internos das mulheres para enfrentar a violência doméstica	Recursos externos para lidar com a violência doméstica
Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico Texto Contexto Enferm, 2012, Labronici ML.	Abordagem fenomenológica. Desvelar a manifestação do processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica. N=5	Percepção da finitude da vida e mobilização interna para a busca de ajuda quando a mulher agredida sentiu a própria vida ou a vida dos filhos ameaçada. O reconhecimento da sua desvalorização pelo marido lhe trouxe forças para buscar ajuda. Fé em Deus	Centro de referência e atendimento à mulher em situação de violência doméstica e Delegacia da Mulher
‘Elastic band strategy’: women’s lived experiences of coping with domestic violence in rural Indonesia, Online Glob Health Action, 2013, Hayati EN et al.	Abordagem fenomenológica. Transformar as experiências vividas das mulheres em expressões textuais da dinâmica de enfrentamento das sobreviventes da violência doméstica. N=7	Autocontrole e autoconfiança no trabalho. A consequência dessas atitudes foi a sensação de poder salvar a si e aos filhos	Grupo de apoio a mulheres sobreviventes da violência doméstica
Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero Ciência e Saúde Coletiva, 2013 Meneghel SN et al.	Estudo parte da pesquisa <i>Rotas Críticas: a trajetória das mulheres no enfrentamento às violências</i> . Entrevistas com profissionais que atendem vítimas da violência e mulheres violentadas N=21 mulheres 25 profissionais	Querer separar-se do companheiro por diversos motivos, entre eles, o medo de morrer.	Polícia, Delegacia

<p>Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento, 2011 Santos ACW, More CLOO,</p>	<p>Estudo exploratório-descriptivo de abordagem qualitativa Caracterizar a repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento N=10</p>	<p>Percepção da intensidade da agressão a si e aos filhos que até então eram naturalizadas. Necessidade de romper o ciclo de violência.</p>	<p>Pessoas para conversar, colegas de trabalho, amigos, vizinhos, familiares, profissionais da psicologia e do serviço social, instituições religiosas.</p>
<p>Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida Esc. Anna Nery, 2011, Vieira LB et al.</p>	<p>Pesquisa fenomenológica. Apresentar perspectivas para o cuidado de enfermagem a partir da apreensão do significado da ação das mulheres que denunciam a violência vivida N=13</p>	<p>Não mais aceitação da violência. Desejo de paz, de terminar a relação e expectativa de justiça para proteger a si e aos filhos.</p>	<p>Busca relações de familiaridade, Delegacia de Polícia para a mulher e Delegacia de Pronto Atendimento</p>
<p>Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento Rev. Latino-Am Enfermagem, 2011, Lattiere A, Nakano AMS.</p>	<p>Abordagem qualitativa. Compreender como as mulheres em situação de violência doméstica convivem com essa adversidade e identificar as estratégias de proteção no enfrentamento N=10</p>	<p>Necessidade de conversar sobre a situação de violência como um grito de socorro.</p>	<p>Meio social mais próximo, família, amigos, instituição religiosa, serviços de saúde, delegacia, meio judicial</p>
<p>Violence and reproductive health preceding flight from war: accounts from Somali born women in Sweden BMC Public Health, 2014, Byrskog U et al.</p>	<p>Abordagem qualitativa. Explorar experiências e percepções na guerra, saúde reprodutiva e violência antes da migração de mulheres <i>Somali</i> para Suécia. N=17</p>	<p>Adotar uma forma pragmática para viver, pois prestar atenção nos próprios medos seria indiferente. Tornar-se figura central na família e exercer uma vida pública. Desejo de paz.</p>	<p>Rede social de apoio em nível local entre mulheres pela falta de recursos externos mais abrangentes</p>

Intimate Partner Violence in Mexican-American Women with Disabilities: A Secondary Data Analysis of Cross-Language Research. *Adv Nurs Sci*. 2014, Divin C, Volker DL, Harrison T

	<p>Abordagem qualitativa descritiva. Explorar manifestações de força de mulheres debilitadas de língua espanhola na América que viveram</p>	<p>Força, criatividade proatividade. Assumir múltiplas responsabilidades. Tornar-se a provedora da família. Cuidar do agressor apesar das próprias limitações físicas.</p>	<p>Família, brincar com os netos, ajuda de outras mulheres, contato com animais, com a natureza, aprender a ler, aprender a ouvir.</p>
--	--	---	---

	violência doméstica N=7	Questionar normas sociais. Coragem de separação. Fé em Deus.	
--	------------------------------------	---	--

Fonte: Elaborado pela autora

3.1 RECURSOS INTERNOS DAS MULHERES PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA

O primeiro artigo analisado, sobre o processo de resiliência de cinco mulheres violentadas, com abordagem fenomenológica, mostrou que muitas vezes o enfrentamento da situação de violência doméstica começou apenas quando a mulher percebeu a finitude da vida. Mulheres declararam que o processo de combate à violência iniciou quando o agressor tentou matá-las ou matar seus filhos (LABRONICI, 2012).

Em outro artigo analisado, na área rural da Indonésia, os recursos internos citados pelas sete mulheres entrevistadas para enfrentar a violência foram o autocontrole e autoconfiança no trabalho. Esses recursos lhes trouxeram poder para salvar a si e aos filhos/as (HAYATI, 2013).

Aspectos subjetivos como autocontrole, autoconfiança, segurança, força, criatividade foram fatores positivos no auxílio ao enfrentamento da violência doméstica para outras sete mulheres de origem mexicana (DIVIN, VOLKER e HARRISON, 2013).

Um artigo com abordagem qualitativa sobre dezessete mulheres Somalis na Suécia mostrou que elas responderam à violência de maneira pragmática ao tornar a vida possível de sobrevivência. A consequência dessa determinação para superar os obstáculos diários fez com que essas mulheres se tornassem figuras centrais e ativas na família e na vida pública, apoiando-se mutuamente na educação das crianças. Por fim, relataram que o desejo de paz as colocou num estado de resiliência (BYRSKOG et al., 2014).

Na pesquisa com as sete mulheres americanas-mexicanas de língua espanhola que sofreram violência doméstica mostraram muita força e criatividade. A maneira com que elas manejaram a complexidade de suas vidas foi mostrada de diversas maneiras como, por exemplo, assumindo múltiplas responsabilidades, sendo as únicas provedoras das crianças e mais tarde cuidando dos maridos, apesar das suas próprias limitações funcionais. Enquanto sua dignidade foi continuamente sendo arrancada pela violência, as mulheres trabalharam incansavelmente para gerenciar os estressores em suas vidas, engajar-se em um processo ativo de encontrar um

caminho para sair da violência e para nutrir a saúde (DIVIN, VOLKER e HARRISON, 2013).

Neste mesmo artigo, houve relato de uma mulher que era violentada pelo marido e que pediu anulação do casamento depois de dez anos de casada na igreja católica. No entanto, o padre que realizou o casamento lembrou que ela havia feito um juramento para ficar com o homem até o final da vida. Ela então lembrou ao padre que o marido lhe havia batido inúmeras vezes. Desta forma, ela teve coragem de questionar as normas sociais e separar-se com autoridade, embora outras mulheres não tiveram a mesma atitude e continuaram casadas. Algumas mulheres utilizaram a oração e a fé em Deus para obter uma sensação de paz, outras tinham raiva de Deus por causa das adversidades. Também aprenderam a ler, a ouvir, não tratar as crianças da mesma maneira que haviam sido tratadas pela vida (DIVIN, VOLKER e HARRISON, 2013).

Outro artigo analisado, de abordagem exploratório descritivo, sobre a repercussão da violência em nove mulheres e suas formas de enfrentamento, mostrou que elas buscaram romper com o ciclo de violência quando julgaram que o limite da agressão havia sido ultrapassado. Uma das mulheres relatou que a violência do companheiro ao seu filho foi o estopim para o fim da relação (SANTOS e MORE, 2011).

Em pesquisa fenomenológica, 13 mulheres denunciaram a violência cometida por seu companheiro e esperavam acabar com a situação de violência que elas não aceitavam e não aguentam mais. Desejavam ter paz e poder retomar seus planos e sua vida, com intenção de separar do companheiro. Têm expectativas com relação à necessidade de justiça e de autoproteção e de seus filhos (VIEIRA et al., 2011).

3.2 RECURSOS EXTERNOS PARA LIDAR COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uma publicação feita através de estudo fenomenológico mostrou que o movimento de luta interna para acabar com a violência iniciado pelas mulheres estimulou-as a buscar ajuda em delegacias, centros de referência e atendimento à mulher em situação de violência doméstica, grupos de apoio, trazendo novamente sentido à vida, mesmo que provisoriamente (LABRONICI, 2012).

Outro artigo analisado, sobre as possibilidades e limites do enfrentamento, exibiu uma pesquisa feita no interior de São Paulo realizada com dez mulheres que

sofreram violência doméstica. A iniciativa da busca por ajuda aconteceu primeiramente no meio mais próximo, como família e amigos/as. Frente às limitações da família, as mulheres buscaram instituições religiosas. Quando as consequências da violência foram graves, buscaram recursos da saúde para tratar o físico e psicológico (LETTIERE e NAKANO, 2011) .

Das estratégias de enfrentamento utilizadas pelas entrevistadas em outro artigo, destacaram-se: buscar outras pessoas para conversar, como colegas de trabalho, amigos, vizinhos e familiares, assim como profissionais da psicologia e do serviço social e instituições religiosas (SANTOS e MORE, 2011).

Em estudo sobre mulheres mexicanas debilitadas devido à violência, as agredidas tiveram o estímulo para superar o estresse de sofrer a violência doméstica ao estarem próximas à natureza, família, amigas, animais de estimação, brincando com os netos (DIVIN, VOLKE e HARRISON, 2013).

Em dois estudos, as redes de apoio às mulheres eram escassas, o que as incentivou tentar superar as dificuldades entre elas e em nível local (HAYATI, 2013; BYRSKOG, 2014). Em outra publicação, o principal meio externo que as 25 mulheres entrevistadas na região de Porto Alegre buscaram foi a delegacia de polícia (MENEGHEL, 2013; VIEIRA, 2011).

3.3 DIFICULDADES PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Na pesquisa feita em área rural da indonésia, percebeu-se que o enfrentamento da violência doméstica oscilou entre a obtenção de apoio adequado e a negação de suporte das redes institucionais. Essa mesma pesquisa demonstrou que o empoderamento da mulher em situação de violência foi positivo por um lado, porque houve a cessação do abuso pelo companheiro, mas por outro lado foi negativo, pois foi o fim do apoio financeiro à família (HAYATI, 2013).

Nesta mesma esfera, pode-se citar o caso de uma mulher que tentou, por meio da busca de um emprego, melhorar a relação estabelecida com o companheiro. Entretanto, o fato de ter ido à procura de um trabalho foi justamente o que acabou provocando a agressão física mais severa do companheiro contra ela. Outra mulher tentou separar-se e impor limites ao parceiro, porém voltou a ser agredida fisicamente e verbalmente por ele (SANTOS e MORE, 2011).

Outro problema percebido em alguns artigos foi a atitude de naturalização e aceitação da violência pelas mulheres. Embora ao longo dos anos se tenha um movimento por parte da sociedade civil e do Estado que tratam a violência uma infração legal, muitas mulheres ainda em seu cotidiano convivem com companheiros agressivos. Um estudo feito na Suécia com dezessete mulheres refugiadas da Somália que vivenciaram situação de violência doméstica mostra como elas enfrentaram aquela realidade. Na entrevista, muitas relataram que nada podia ser feito, por isso aceitaram conviver com o problema. Afirmaram que prestar atenção nos próprios medos seria inútil, ainda que os sentimentos de ansiedade e incertezas em relação ao futuro permeassem a atmosfera do país (VIEIRA, 2011; BYRSKOG et al., 2014).

Um artigo com abordagem qualitativa mostrou que muitas vezes os serviços de saúde procurados pelas mulheres cumpriram o papel de tratar apenas o que era aparente. Havia por parte dessas mulheres um descrédito em relação à polícia e à justiça. Por este motivo, muitas mulheres recuavam diante da violência (LETTIERE e NAKANO, 2011).

Outra dificuldade para enfrentar a violência doméstica foi a fragilidade e as limitações na aplicação do instrumento legal para combater a violência, salientando o descumprimento de medidas protetivas pelos agressores e a dificuldade dos serviços de segurança pública efetivamente proteger as mulheres. Foi o que declaram entrevistadas no estudo realizado em Porto Alegre (MENEGHEL et al., 2013).

4 DISCUSSÃO

4.1 RECURSOS INTERNOS DAS MULHERES PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Resiliência é um processo de mobilização interna que desencadeia um movimento de rupturas e de abertura existencial em direção ao outro, com o intuito de ser ajudado e de encontrar um novo sentido para a existência, mesmo que momentâneo, e que pode ser estimulado (FOUCAULT, 2006). Foi este o processo que muitas mulheres entrevistadas viveram na tentativa de superar a violência sofrida e na busca por um bem-estar, pelo desejo de paz, conforme relataram.

Sabe-se que a morte faz parte da vida, mas não pensamos nela o tempo todo, a não ser quando nos deparamos com algum fenômeno ameaçador em que se busca

resistir à destruição (LABRONICI, 2012). Em diversos momentos, as mulheres relataram sentir o fim da vida, o medo da morte. Neste sentido, esta ameaça foi combatida por elas, provisoriamente ou continuamente, pelo processo de resiliência.

Lidar com uma situação de estresse é um esforço cognitivo e comportamental de gerenciamento de demandas internas e externas do problema. Desta forma, uma estrutura teórica de estratégias de enfrentamento pode ser criado e usado para entender melhor como as mulheres lidam com a violência doméstica (HAYATI et al., 2013).

Os resultados dessas estratégias de enfrentamento podem ser bem ou malsucedidos, porém isso pode ser pouco relevante, desde que cada experiência vivida estimule ressaltar singularidades e possibilidades de redução do conflito, ainda que temporariamente (SANTOS E MORE, 2011).

4.2 RECURSOS EXTERNOS PARA LIDAR COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

As estratégias de enfrentamento da violência evidenciadas nas mulheres requerem uma análise mais aprofundada das redes de apoio as quais elas recorreram, pois se avalia que ali pode estar uma fonte de suporte efetivo para cortar o circuito de violência dentro da família e contra a mulher (SANTOS e MORE, 2011).

Certo estudo sobre a repercussão da Lei Maria da Penha mostrou que a intenção da mulher agredida, ao denunciar o companheiro, envolveu a necessidade de proteção por meio da justiça. Ela esperava providências em relação a sua situação e reconhece a Lei Maria da Penha como um instrumento mediador de justiça, esperando do serviço policial e judiciário a proteção e ajuda de que necessita. Entretanto, o estudo apontou as incertezas e dúvidas no que diz respeito aos desfechos da lei (MENEGHEL et al, 2013; VIEIRA et al., 2011).

Algumas mulheres participantes de um dos estudos consultados tentaram romper com o ciclo da violência sem ajuda de profissionais que constituem as redes de apoio social, mas isso não foi suficiente para continuarem o processo, o percurso de resiliência, porquanto vai além do enfrentamento (LABRONICI, 2012). Isso comprova a necessidade em se ter redes de amparo qualificadas às mulheres vítimas da violência.

O pensamento acima confirma-se com os relatos de participantes de outra pesquisa acessada, que buscaram pessoas que as ajudassem a diminuir o estresse

e o sofrimento provocados pelas agressões sofridas e que contribuíssem para elas encontrarem uma solução para o problema enfrentado (SANTOS e MORE, 2011).

4.3 DIFICULDADES PARA ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A dúvida e medo são dificuldades diante da situação de violência doméstica. No entanto, é possível compreender que as mulheres agredidas dentro de casa podem ter tentado aceitar que os companheiros não eram tão violentos quanto pareciam, ou podem ter se calado por medo de ficarem sozinhas, em condições financeiras precárias e sem um pai para as crianças, ou, ainda, por se sentirem culpadas por estarem vivenciando a situação (SANTOS e MORE, 2011).

Sobre a Lei Maria da Penha, sancionada em 07 de agosto de 2006 e criada para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher foi uma vitória nacional. No entanto, mulheres declararam fragilidade e limitações na aplicação do instrumento legal para combater a violência, salientando o descumprimento de medidas protetivas pelos agressores e a dificuldade dos serviços de segurança pública efetivamente protegê-las. Entretanto, não se pode minimizar a importância do regramento legal e as mudanças propostas. É importante pontuar que os nove anos da Lei Maria da Penha representam um tempo de vigência ainda curto para que se possa avaliar sua real eficácia e efetividade (MENEGHEL et al., 2013).

Outra dificuldade em relação ao enfrentamento da violência é a deficiência de intersubjetividade e comunicação entre profissionais e as mulheres. As relações mais próximas, tão almejadas pelas mulheres na situação de violência não se desenvolvem, de modo que não se afirma a reciprocidade de perspectivas entre mulheres e profissionais (VIEIRA et al, 2011).

Além disso, sabe-se que nos serviços de apoio existentes no campo da saúde, sabe-se que os profissionais não são treinados para atender as mulheres que sofrem violência na perspectiva de ajudá-las a romper com o círculo de violência ao qual estão aprisionadas, cabendo à equipe a construção de estratégias para lidar com o caso (VILELLA et al., 2011).

5 CONCLUSÃO

Enquanto a violência doméstica contra a mulher pode durar apenas alguns breves momentos, a memória da situação pode ser duradoura. Sabe-se, no entanto, que a violência doméstica é um problema de saúde pública evitável (DIVIN, VOLKER e HARRISON, 2013).

Dentre as medidas preventivas e protetivas às mulheres estão a atenção dos profissionais que atuam direta e indiretamente com as mulheres que sofrem ou possuem o risco de sofrer violência doméstica, a incorporação da perspectiva de gênero na atenção pública e privada, abordagem multiprofissional e articulação intersetorial para a transformação do grave quadro (PEDROSA, 2009).

Os cuidados com mulheres agredidas podem fortalecê-las de tal maneira que permita que a mulher denuncie a agressão e que ela seja acolhida, demonstrando interesse em falar de sua vida e de seus conflitos e recuperando a autoconfiança. Uma mulher que busca ajuda profissional nunca deve ouvir frases preconceituosas e que não são raras como: "por que você não se separa?", "por que demorou tanto para denunciar?", "você pediu para apanhar" (VIEIRA et al., 2011).

Finalmente, considera-se relevante aprofundar os estudos sobre a resiliência psicológica de mulheres que estão submetidas a uma relação conjugal violenta, assim como sobre o papel das redes de suporte social junto a mulheres agredidas enquanto recursos externos a serem utilizados em face à violência vivida por elas. Acredita-se que os dados e reflexões deste estudo somem-se ao campo do conhecimento existente, para evidenciar e/ou desvendar as formas de enfrentamento da violência pelas mulheres, para assim conseguir confrontar os preconceitos relacionados ao tema, principalmente devido ao desconhecimento e à falta de instrumentalização dos profissionais que atendem mulheres agredidas.

THE RESILIENCE FROM WOMEN WHO HAVE SUFFERED DOMESTIC VIOLENCE: A REVIEW

Abstract:

In the scientific literature on violence against women the studies of how women victims of domestic violence face this situation are included. Thus, we sought to know what is being disseminated in national and international journals on the resilience process of these women daily lives. The research criteria were defined as: articles published in the last five years, available online and with a qualitative approach. We found eight articles by PubMed service portal, and by Virtual Health Library databases and portals from January to November 2016. It was noticed that women suffer in silence for abuses committed in their homes, while others face violence alone, with help from friends, family or social support groups. Even so, there is discredit around these services by some women. There is need for amplifying the study in partnership to give the support for women who have experienced domestic violence, and also for expanding the discussions involving the responsibility of each one in for its territory.

Keywords: Resilience. Psychological. Domestic Violence. Adaptation. Psychological. Life Changing Events. Violence Against Women.

RESILIENCIA DE LAS MUJERES QUE HAN SUFRIDO VIOLENCIA DOMÉSTICA: UNA REVISIÓN

Resumen:

En la literatura científica sobre la violencia contra las mujeres contiene estudios de cómo las mujeres víctimas de violencia doméstica enfrentan esta situación. Por lo tanto, tratamos de saber lo que se propaga en revistas nacionales e internacionales en el proceso de resiliencia en la vida cotidiana de estas mujeres. Fueron definidos como criterios de inclusión: los artículos publicados en los últimos cinco años, totalmente disponibles online y con enfoque cualitativo. Fueron encontrados ocho artículos por portal de servicios PubMed y por bases de datos y portales de la Biblioteca Virtual en Salud desde enero hasta noviembre 2016. Se observó que las mujeres sufren en silencio los abusos cometidos en el hogar, mientras que otras enfrentan la violencia por sí solas, con la ayuda de amigos, familiares o grupos de apoyo social. Aún así, no hay confianza en estos servicios por parte de las mujeres. Hay necesidad de estudios en colaboración con los servicios de apoyo para las mujeres que han sufrido violencia doméstica y la expansión de las discusiones que involucran la responsabilidad de cada uno por su territorio.

Palabras clave: Resiliencia Psicológica. Violencia Doméstica. Adaptación Psicológica. Acontecimientos que Cambian la Vida. Violencia Contra la Mujer.

REFERÊNCIAS

- BYRSKOG, U et al. Violence and reproductive health preceding flight from war: accounts from Somali born women in Sweden. **Online BMC Public Health**,14(1): 892, 2014. Disponível em: < HYPERLINK "<http://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-14-892/open-peer-review>" <http://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-14-892/open-peer-review> >. Acesso em nov. 2016.
- DIVIN, C; VOLKER, D; HARRISON,T. Intimate Partner Violence in Mexican-American Women with Disabilities: A Secondary Data Analysis of Cross-Language Research. **Online HYPERLINK "<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/eutils/elink.fcgi?dbfrom=pubmed&retmode=ref&cmd=prlinks&id=23907305>" ANS Adv Nurs Sci., 36(3): 243–257, 2013.** Disponível em: < HYPERLINK "<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3733476/>" <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3733476/>> Acesso em nov. 2016.
- FOUCAULT M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUEDES, R; FONSECA, R. **Violência doméstica: um olhar de gênero**. In: Versão ampliada do trabalho apresentado na mesa redonda “Violência doméstica: um olhar de gênero”, 63ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia, 2011.
- HAYATI, E et al. ‘Elastic band strategy’: women's lived experiences of coping with domestic violence in rural Indonesia. **Online Glob Health Action.**, 6:10.3402/gha.v6i0.18894, 2013. Disponível em: < HYPERLINK "<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3536939>" <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3536939> > Acesso em nov. 2016.
- HOBUSS, J. Caráter e disposição em Aristóteles. In: Hobuss, J. (Org). **Ética das virtudes**. Florianópolis: Editora da UFSC; 2011.; p. 69-84.
- LABRONICI, L. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Online Texto contexto - enferm.**;21(3):625-32, 2012.Disponível em: HYPERLINK "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000300018&lng=pt&nrm=iso&tlng=en" http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000300018&lng=pt&nrm=iso&tlng=en Acesso em nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>" <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>

LETTIERE, A; NAKANO, A. Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. **Online Rev. Latino-Am. Enfermagem**;19(6):[08 telas], 2011.

Disponível em: < HYPERLINK

["http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000600020&lng=pt&nrm=iso"](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000600020&lng=pt&nrm=iso)

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000600020&lng=pt&nrm=iso)

[11692011000600020&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000600020&lng=pt&nrm=iso) > Acesso em nov. 2016. HYPERLINK

["http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000600020"](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000600020)

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000600020>

JOYNER, K; MASH, R. Recognizing Intimate Partner Violence in Primary Care: Western Cape, South Africa. **Online PLoS One**;7(1): e29540, 2012. Disponível em:

< HYPERLINK ["http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3252321/"](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3252321/)

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3252321/> > Acesso em nov. 2016 Doi:

HYPERLINK

["https://dx.doi.org/10.1371%2Fjournal.pone.0029540"](https://dx.doi.org/10.1371%2Fjournal.pone.0029540)[10.1371/journal.pone.0029540](https://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0029540)

MENEGHEL, S et al. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. **Online Ciênc. saúde coletiva** ;18(3):691-700, 2013 Disponível em:

< HYPERLINK ["http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lng=en"](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lng=en)

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lng=en)

[81232013000300015&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lng=en) >. Acesso em nov. 2016. HYPERLINK

["http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300015"](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300015)

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300015>

MCDONALD, P; DICKERSON, S. Engendering Independence While Living With Purpose: Women's Lives After Leaving Abusive Intimate Partners. **Online Journal of Nursing Scholarship**;45: 388–396, 2013. Disponível em: < HYPERLINK

["http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24034275"](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24034275)[http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24034275)

[/24034275](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24034275) > Acesso em nov. 2016. doi: 10.1111/jnu.12044

NETTO, A et al. Violência contra a mulher e suas consequências. **Online Acta paul. enferm.**;27(5):458-464, 2014. Disponível em: < HYPERLINK

["http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt"](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt)

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt)

[21002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002014000500011&script=sci_arttext&tlng=pt) ["http://dx.doi.org/10.1590/1982-](http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075)

[0194201400075"](http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075) <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075> > Acesso em nov.

2016. ["http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075"](http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075)

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075>

OMAR, A et al . Un modelo explicativo de resiliencia en jovenes y adolescentes. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 2, p. 269-277, June 2011 . Disponível em: "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200010&lng=en&nrm=iso" http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200010&lng=en&nrm=iso >. Acesso on 07 Nov. 2016. HYPERLINK "<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000200010>" <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000200010>

PEDROSA, C. A construção de uma ferramenta social para promoção da saúde e dos direitos das mulheres. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 19, n. 42, p. 123-129, abr. 2009 . Disponível em < HYPERLINK "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000100015&lng=pt&nrm=iso" http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000100015&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 07 nov. 2016. HYPERLINK "<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100015>" <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100015>

RABELO, A. Contribuições dos Estudos de Género às Investigações que Enfocam a Masculinidade. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira , n. 21, p. 161-176, 2010 . Disponível em: "http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602010000100012&lng=pt&nrm=iso" http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602010000100012&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 07 nov. 2016.

SANTOS, A dos; MORE, C. Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 21, n. 49, p. 227-235, Aug. 2011 . Disponível em: "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200010&lng=en&nrm=iso" http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200010&lng=en&nrm=iso >. Acesso: 07 Nov. 2016. HYPERLINK "<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200010>" <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200010>

VIEIRA, L et al . Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 4, p. 678-685, Dec. 2011. Disponível em: "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000400004&lng=en&nrm=iso" http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000400004&lng=en&nrm=iso Acesso: 07 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452011000400004>.

VILLELA, W et al . Ambiguidades e contradições no atendimento de mulheres que sofrem violência. **Saude soc.**, São Paulo , v. 20, n. 1, p. 113-123, Mar. 2011 . Available from < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000100014&lng=en&nrm=iso >. Acesso: 07 Nov. 2016. HYPERLINK "<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000100014> <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000100014>

Artigo:

Recebido em 07 de Novembro de 2016.

Aceito em 28 de Outubro de 2017.